

CCCLX

25 de maio de 1502

Traslado da manda, ou testamento, de Pero Affonso da Lagea, pelo qual lega aos clerigos coreiros 60 reaes, com obrigação de cinco missas annualmente.

Passado, na praça da villa, pelo tabellião João de Neiva, por mandado do juiz ordinario de Guimarães, Alvaro Pinto, escudeiro fidalgo.

(*Continúa*).

O abbade J. G. DE OLIVEIRA GUIMARÃES.

Centenario de uma medalha da guerra peninsular 1808-1908

Medalha-insignia usada pelos estudantes da Universidade de Coimbra
que se alistaram
no Batalhão Academico do tempo dos Franceses

As medalhas conservam, apesar das injurias do tempo, a gloriosa fama da nossa Nação no Templo da Immortalidade.

(Extracto de um discurso do Marquês de Abrantes. Bibl. Nac., ms. 685, fl. 26 v).

Em 23 de Junho de 1808, vespera do dia de S. João, foi a cidade de Coimbra libertada do jugo dos Franceses, por um grupo de voluntarios vindos do Porto, de Ois e da Mealhada, precisamente no momento em que é ali costume iniciarem-se os tradicionaes folguédos em honra d'aquelle Santo, ao cair da noite¹.

Depois de presos os soldados Franceses, foi o nome do Principe Regente phreneticamente aclamado pela turba victoriosa, que, com indescriptivel entusiasmo, percorreu as ruas da cidade, seguindo um estandarte com as armas reaes portuguesas, que appareceu por acaso.

No dia seguinte á tarde foi eleito, por aclamação, governador de Coimbra, o Dr. Manoel Paes de Aragão Trigoso, Vice-Reitor da Universidade, começando só então a ser apoiado o movimento revolucionario pelos estudantes e lentes d'esta escola.

¹ Vid. Accursio das Nevés, *Historia geral da invasão dos Franceses em Portugal*, t. III, p. 200 e sgs., e tambem Fr. Joaquim Soares *Compendio historico dos acontecimentos mais celebres... desde a entrada dos Franceses em Portugal...*, etc., Coimbra 1808, p. 43.

No dia 25 de manhã alguém lembrou a conveniencia de se tomar ao inimigo o forte da Figueira da Foz, para se estabelecer communicação com a esquadra Inglesa, que manobrava nas costas de Portugal. Approvado este alvitre pelo Governador, organizou-se rapidamente uma expedição com 40 voluntarios, sendo 25 estudantes, a qual, de baixo do commando do sargento de artilharia, Bernardo Antonio Zagallo, tambem estudante, saiu nesse mesmo dia de Coimbra, dividida em duas secções, para mais facilmente poder angariar gente pelo caminho.

Depois de uma fatigante marcha, mas gloriosa, porque os seus brados patrióticos foram ouvidos com demonstrações de regozijo em todas as terras por onde passaram, reuniram-se os voluntarios em Montemor-o-Velho, e d'ahi seguiram, corajosos e resolutos, para a Figueira, onde chegaram ás 7 horas da manhã do dia 26, acompanhados já por 3:000 homens armados com lanças, fources e outras armas¹. Como não encontraram resistencia á entrada d'aquella Villa, cercaram o Forte e assim conseguiram que a respectiva guarnição se rendesse no dia 27, ficando prisioneiros bastantes soldados Franceses, bem como o commandante que era um Português, tenente de engenharia, chamado Cibrão. Depois de desfraldarem no Forte a bandeira Nacional, ao som de estrondosas salvas, regressaram a Coimbra, levando consigo os presos, as suas armas e cinco peças de artilharia.

Quando os expedicionarios chegaram a Coimbra, havia nesta cidade profunda commoção.

No dia 26, que foi um Domingo, tinha o Governador recebido noticia official de que Loison estava em Viseu e tencionava dirigir-se para ali².

A noticia da proxima chegada dos Franceses a qualquer povoação inspirava sempre grande terror, mas este redobrava de intensidade

¹ Vid. *Relação de Bernardo Antonio Zagallo, commandante do destacamento que foi atacar o Forte da Villa da Figueira, e Noticia historica e reflexões acêrca do comportamento do Corpo Academico na restauraçã do legitimo governo de Portugal*, respectivamente publicadas nos n.ºs 5 e 17 da *Minerva Lusitana*, jornal impresso em Coimbra nos annos de 1808 e 1809. Este jornal, que repetidas vezes teremos de citar, foi uma das principaes fontes de que nos servimos para o nosso trabalho. D'elle tivemos conhecimento por uma nota particular do Dr. Teixeira de Aragão.

² Por ordem de Junot este general havia saído de Almeida com uma força de 1:800 homens, com o fim de ir suffocar a revolta do Porto; mas como não pôde conseguir os seus intentos, por ter soffrido importantes reveses na estrada da Regoa para Amarante, onde chegaram a apedrejá-lo, viu-se obrigado a retirar-se

quando se sabia que á frente d'elles vinha o cruel Loison¹, que, d'entre os generaes Franceses, era, talvez, não só o mais conhecido como tambem o mais odiado pelo povo².

Muitas terras do país —especialmente as Caldas da Rainha,— foram victimas da sua crueldade.

Coimbra, porém, em vez de fraquejar perante o gravissimo perigo que a ameaçava, preparou-se corajosamente para resistir ao inimigo³, dando nessa terrivel conjuntura nobres exemplos de valor e patriotismo os estudantes e lentes da Universidade.

para Viseu. Esta derrota inspirou a Rodrigo da Fonseca Magalhães, então estudante da Universidade, o seguinte soneto:

Quiz o fero Loyson, esse insolente,
Reduzir Portugal a negro estado;
E apezar do seu braço decepado
Tentou, tentou a empreza infelizmente!

Eis, quatro, ou seis Paizanos, tão sómente,
Lanção fóra, á pedrada, o vil malvado;
E vendo então o fato mal parado
Marchez, marchez, dizia, o tal valente:

Raivoso range os dentes, rugo, e brama;
Mas de balde, franzindo o rosto feio,
Que diables Portugais! Furioso exclama;

Ora vejão o tonto aonde veio!
Para Guerreiros taes, só basta a fama,
Do Luso imperio, perennal Estecio.

Vem este soneto publicado em um raro folheto, de 19 paginas, que contém varias obras poeticas allusivas aos Franceses, compostas por Rodrigo da Fonseca. Intitula-se: *Ode Pindarica á Feliz Restauração do Nosso Portugal, que ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Manoel Paes de Aragão Trigoso, etc., etc., etc. O. D. C. Rodrigo da Fonseca Magalhães, Alumno da Academia, e alistado no Corpo dos Voluntarios Academicos. Coimbra, na real imprensa da Universidade, 1808.*

O mesmo soneto foi tambem publicado já por Chaby, in *Excerptos Historicos e Collecção de documentos*, vol. III, pp. 58 e 59.

Ao nosso amigo o Conde do Almarjão, neto do illustre estadista autor do folheto, agradecemos o emprestimo que nos fez do exemplar que possui na sua biblioteca.

¹ Vulgarmente todos o conheciam e tratavam pela alcunha de *Manêta*, que de facto era.

² No *Diálogo entre as principaes personagens Francezas, no banquete dado a bordo da Amavel por Jumot, no dia 27 de Setembro de 1808, escripto por L. S. O. (Luis de Sequeira Oliva), Lisboa 1808, 2.^a ed., p. 7, nota 1, diz-se que «Loyson... foi sem contradicção o monstro mais sanguinario que a colera napoleana vomitou sobre Portugal».*

³ *Minerva*, n.º 6, 3.^a p.

Para dificultar a entrada dos Franceses, mandaram-se cortar pontes e obstruir as estradas com grandes fossos e ramos de arvores; distribuiram-se armas pelas povoações vizinhas; chamaram-se todas as ordenanças da comarca; aconselhou-se ao povo que se munisse de pedras e cal viva, e recommendou-se tambem que todos tivessem em suas casas agoa a ferver para se deitar sobre os inimigos, caso elles tentassem saquear a cidade. Dentro d'esta fizeram-se entrincheiramentos com barricas, cadeiras, estacas e outros objectos, trabalho que durante a noite era executado á luz de luminarias que se collocavam nas janelas.

Combinou-se que o sinal de alarme seria dado pelos sinos da torre da Universidade, e que sobre esta se arvoraria tambem um farol, se os Franceses chegassem de noite.

Dirigidas principalmente por estudantes e ecclesiasticos prepararam-se, tambem, *emboscadas*, processo de ataque que muito bons resultados podia dar em uma cidade, como é a de Coimbra, onde as ruas são estreitas e tortuosas e, algumas, excessivamente inclinadas. De armas serviam, alem das poucas espingardas que havia, diversos instrumentos de uso domestico ou agrario, taes como: enxadas, paus de vassoura, pás, ancinhos, forquilhas, etc.

Como não havia polvora, tentou-se fabricá-la no laboratorio chimico da Universidade¹. Para esse fim juntou-se todo o salitre que se pôde encontrar e ainda na tarde do dia 26 se começou a preparar carvão com uma carrada de vides que foi cedida pelos frades de Santa Cruz.

Ás dez horas da noite, como já havia alguma polvora fabricada, chamaram-se dois soldados Portugueses, que estavam convalescentes no hospital, para fazerem cartuchos, e encarregaram-se todos os ourives e funileiros de fundirem as balas. Dirigia os trabalhos da fabricação da polvora o Dr. Thomé Rodrigues Sobral; da direcção do fabrico das balas incumbiu-se o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, lente de metallurgia. Como auxiliares, trabalhavam tambem nos mesmos serviços o Dr. Manoel José Barjona, lente de philosophia, Thomás Joaquim Valladares, estudante do 5.º anno de medicina, João de Amorim Pinto Ribeiro, estudante do 4.º anno de philosophia, o Dr. Joaquim Baptista, e outras pessoas².

Ás seis horas da manhã do dia seguinte estavam concluidos 3:000 cartuchos.

¹ Vide «Conta dos trabalhos do Laboratorio Chimico, desde 26 de Junho até 14 de Julho», nos n.ºs 7 e sgs. da *Minerva Lusitana*.

² Vide *Minerva*, n.º 22, p. 3, e Accursio das Neves, *ob. cit.*, t. III, pp. 224 e 225.

Emquanto assim se procedia no laboratorio da Universidade, tambem na fabrica de fiação de Manoel Fernandes Guimarães, convertida pelo seu dono em verdadeiro arsenal, se trabalhava com igual actividade¹. Debaixo da direcção do respectivo mestre, Bernardo Ferreira de Brito, ali se construíram *caballos de Friza*, guarnecidos de pontas de ferro, para se collocarem nas entradas da cidade; concertaram-se muitos centenares de espingardas e clavinas que estavam incapazes de servir; fizeram-se lanças e armaram-se carretas para as cinco peças de artilharia que a expedição que tinha ido á Figueira havia tomado ao inimigo.

Foi então, nesse memoravel dia 26 de Junho de 1808, que se organizou o celebre Batalhão Academico, no qual se alistaram não só os estudantes como tambem os lentes da Universidade².

Apesar de muitos alumnos d'esta escola estarem já ausentes de Coimbra, por terem concluído os seus actos, ainda pôde organizar-se um corpo bastante regular, com cavallaria, artilharia, caçadores e infantaria, que se dividiu em seis companhias, cujo commando effectivo foi entregue ao Dr. Tristão Alvares da Costa Silveira, lente de calculo e engenheiro militar; o commandante honorario era o Vice-Reitor.

Em vez das capas e batinas, que eram improprias e incommodas para serviços de campanha, os soldados academicos passaram a usar fardamentos especiaes, que elles pagaram á sua custa³.

Taes foram em resumo as medidas de defesa que se tomaram para resistir ao inimigo.

Felizmente, porém, Loison não appareceu. Como a revolução estava já muito adeantada, elle viu-se obrigado a marchar para Mangualde, Celorico, Pinhel e Almeida, e d'ahi retirou-se para Santarem, por ordem de Junot, seguindo pela Beira Baixa⁴.

¹ Vide «Contá dos trabalhos que se fizerão na Fabrica de Manoel Fernandes Guimarães», no n.º 8 da *Minerva*.

² Vid. *Continuação das medidas da defeza, que se tomarão desde o dia 26 de Junho*, no n.º 7 da *Minerva*.

Em varias outras epochas houve batalhões de estudantes da Universidade, como se pôde ver em uma serie de artigos publicados por Joaquim Martins de Carvalho, no *Conimbricense*.

Na parte que diz respeito ao Batalhão do tempo dos Franceses, de que tratamos, pouco mais fez Martins de Carvalho do que resumir o que se diz na *Minerva*.

³ Vid. *Relação breve, e verdadeira da entrada do exercito Francez chamado de Gironda, em Portugal, etc.*, anonymo, p. 98, nota 1, in fine.

⁴ Para orientação do estudo geral da campanha contra os Franceses é bom guia o livro do Sr. Alfredo Pereira Taveira, coronel do estado maior, intitulado *A Defesa de Portugal*.

Ainda bem a cidade de Coimbra não estava completamente livre do perigo que a ameaçara, já o Governador tratava de organizar nova expedição de estudantes, para ir a Pombal e Leiria proclamar a restauração do legitimo governo do Principe Regente e aprisionar algumas brigadas francesas¹. Era tal o desejo que todos tinham de combater pela Patria, que esta ideia teve de ser communicada em segredo apenas a 15 estudantes, que tantos eram os que, por ordem superior, deviam tomar parte na expedição.

Estes bravos academicos, que saíram de Coimbra no dia 28 de Junho, commandados pelo furriel Victorino de Barros Carvalhaes, depois de terem restaurado o legitimo governo portuguez em Condeixa, Soure, Ega e Pombal, dirigiram-se a Leiria, onde a sua presença intimidou de tal modo os Franceses, que estes resolveram fugir.

Foram ainda depois libertar a villa da Nazareth, sem olharem aos perigos que corriam com essa aventura, pois que, apenas com o auxilio de alguns homens do povo, inexperientes e mal armados, pretendiam atacar os tres fortes que ali havia — da Nazareth, de S. Martinho e de S. Gião, — todos elles com importantes guarnições, e que facilmente podiam ser soccorridos pelo General Thomiers, que estava em Peniche, com bastantes forças. A Providencia, porém, auxiliou-os. Por um lado Thomiers, que havia já marchado até Obidos, com o fim de ir soccorrer os seus compatriotas, retirou-se novamente para Peniche, por suppor que as forças dos seus contrarios eram grandes; por outro lado os Franceses fugiram dos fortes de S. Gião e de S. Martinho. Por fim rendeu-se a guarnição do forte da Nazareth, ficando prisioneiros 50 Franceses, incluindo o commandante, que se chamava Miron.

Alcançada assim esta victoria, marcharam os estudantes e os outros voluntarios, com os presos, em direcção a Leiria; mas, sabendo no caminho que esta cidade tinha novamente caído em poder dos Franceses², retiraram-se com grandes difficuldades e perigos, através de pinhaes e mato, para a Figueira da Foz, e de ahi regressaram a Coimbra, onde entraram em triumpho.

Organizou-se um cortejo na frente do qual ia a charanga da Universidade e, logo atrás, um esquadrão da cavallaria academica. Depois,

¹ Vid. «Relação da marcha, e do successo da expedição do Destacamento que de Coimbra se dirigio a Pombal e Leiria» nos n.ºs 10 a 13 da *Minerva*. Vid. tambem no n.º 17 do mesmo jornal a «Noticia historica e reflexões acêrcas do comportamento do corpo academico na restauração do legitimo governo de Portugal».

² Ali tinha chegado, em 5 de Julho, o General Margaron com uma força de 4:000 homens, e, segundo era seu costume, deixou bem assinalada a sua entrada na cidade com as inauditas barbaridades que commetteu.

montado num bello cavallo, a cuja cauda prenderam uma bandeira Francesa, seguia um academico que conduzia o estandarte real Português. Logo depois marchavam os prisioneiros, formados e sem barretinas, caminhando aos seus lados os estudantes vencedores. O commandante do forte ia montado num burro. Fechava o cortejo a infantaria e um esquadrão da cavallaria do batalhão academico¹.

Durante todo o percurso do cortejo, que se desfez no pateo da Universidade, foram os vencedores muito victoriados pelo povo.

Entretanto a agitação do país havia tomado novo aspecto. Junot tinha concentrado as suas tropas em Lisboa e outros pontos, preparando-se para se defender; por seu lado os revoltosos uniam-se para o atacarem.

Coimbra foi o ponto escolhido para a concentração das forças portuguezas. Em 5 de Agosto ali chegou o seu commandante, o General Bernardim Freire de Andrade, acompanhado pelo seu estado maior, a quem se fez entusiastica recepção. Nas costas de Portugal manobrava a esquadra Inglesa, que conduzia um poderoso reforço de tropa que, debaixo do commando de Wellesley, vinha em auxilio de Portugal.

No dia 1 de Agosto começou o desembarque do exercito Inglês na bahia de Lavos, junto da foz do Mondego, indo no dia 7 Wellesley conferenciar com os generaes portuguezes a Montemor-o-Velho, para com elles combinar a fôrma de atacar o inimigo.

Com o exercito alliado seguiu para os campos de batalha uma parte do corpo academico²—a cavallaria, a artilharia e um destacamento da infantaria; a outra parte conservou-se em Coimbra a reforçar a guarnição d'esta cidade, por ser ali que estavam os depositos de provimentos para as tropas. Demais, era aos soldados academicos que competia, de preferencia a quaesquer outros, segundo diz o redactor da *Minerva*, a guarda do *Templo das Musas*.

Entrando em acção, os dois exercitos alliados alcançaram victorias sobre o inimigo nas batalhas da Roliça e do Vimeiro, a primeira em 17 e a segunda em 21 de Agosto, assinando-se por fim uma convenção, que vulgarmente é conhecida por *Convenção de Cintra*, na qual se estipulou a saida dos Franceses de Portugal.

Durou o embarque das tropas inimigas desde 10 até 15 de Setembro. Neste ultimo dia arvorou-se no Castello de S. Jorge a ban-

¹ Veja-se a descripção d'este cortejo no livro já citado: *Relação breve da entrada do exercito francês*, etc., p. 98, n.º 1.

² *Minerva*, n.º 40.

deira portuguesa, com as demonstrações de alegria que nunca houve nesta capital¹.

Na segunda feira, 19, chegou a Coimbra a noticia d'este importante acontecimento². No dia seguinte á tarde o proprio Vice-Reitor, assistido por seis conegos, lentes, entoou um Te-Deum, em acção de graças, na capella da Universidade. Uma guarda de cavallaria do batalhão academico acompanhou o Dr. Trigoso desde sua casa até a capella, junto da qual ficou postado o resto do batalhão emquanto durou a cerimonia religiosa.

Nos dias 29 e 30 houve novos festejos³. Recitaram-se orações na sala dos actos grandes da Universidade, houve sarau⁴ no palacio e pateo grande da Reitoria, o corpo docente d'aquella escola foi a Santa Clara, em solemne cortejo, orar junto do tumulo da Rainha Santa, illuminou-se a cidade, fizeram-se procissões, etc.

Em 20 de Setembro de 1808 dirigiram os governadores do Reino ao Dr. Trigoso dois avisos⁵, nos quaes lhe eram transmittidos louvores e agradecimentos pelos serviços prestados pelo Batalhão Academico durante a guerra. Um d'elles era identico aos que se expediram para todas as autoridades e terras do país; o outro referia-se sómente ao Governador e ao Corpo Academico.

Na carta regia de 3 de Outubro de 1809 tambem o Principe Regente manifestou o seu reconhecimento pelo mesmo motivo⁶.

Em 1 de Novembro de 1808, conforme se havia determinado no aviso de 5 de Outubro, abriu a Universidade⁷.

*

Foi, infelizmente, bastante ephemero o regozijo da nação pelo bom exito da sua gloriosa empresa. Logo se calculou que Napoleão não

¹ Vid. «Carta dirigida ao Principe Regente pelos Governadores do Reino», publicada por Luz Soriano, na *Historia da Guerra Civil*, etc., t. v, parte 1, pp. 238, 239 e sgs.

² *Minerva*, n.º 40.

³ Vid. Joaquim Martins de Carvalho, *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, pp. 8 e 9.

⁴ Neste sarau recitou Rodrigo da Fonseca um soneto, feito de improviso, que termina assim: «Surge outra vez, a Patria vencedora». Vem tambem publicado no folheto já citado, *Ode Pindarica*, etc., p. 13.

⁵ Vid. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos*, etc., tomo v, p. 110.

⁶ *Ibidem*, p. 113.

⁷ *Ibidem*, p. 111.

soffreria uma derrota sem que d'ella quisesse pedir a competente desforra.

A Regencia do reino viu-se por isso na necessidade de tomar as possiveis medidas de defesa para que o país pudesse resistir á segunda invasão dos Franceses.

Por ordem superior, expressa na carta regia de 2 de Janeiro de 1809¹, a Universidade fechou, e os estudantes novamente tiveram de pegar em armas para defenderem a Patria. Em 6 de Janeiro² deu o governador execução ás ordens recebidas, mandando convocar todos os academicos, oppositores, lentes e seus substitutos, para se alistarem.

Emquanto o inimigo não chegava, tratou-se de fortificar a cidade de Coimbra, debaixo da direcção de Nuno Freire de Andrade, trabalho em que muitos estudantes tomaram parte.

Na noite de 15 para 16 de Fevereiro de 1809 tentou Soult entrar em Portugal, atravessando o rio Minho; mas, sendo repellido em Caminha pelo General Bernardim Freire, procurou outro ponto para poder realizar o seu intento. A 9 de Março estava já perto de Chaves. No dia 12 tomou esta praça e d'ahi seguiu para o Porto, onde entrou no dia 29, que foi uma quarta feira de Trevas.

Dois dias antes tinha sido encarregado da defesa de Coimbra o General inglês, Nicolau Trant.

Logo que constou a noticia da occupação do Porto pelos Franceses, tratou Beresford de organizar um plano de ataque; entretanto o General Trant saiu de Coimbra, com uma divisão de 4:500 homens, com o fim de ir operar na linha do rio Vouga para impedir a marcha do inimigo sobre a capital do reino.

Nesta divisão encorporou-se tambem um destacamento de 150 estudantes do Batalhão Academico³, que saiu de Coimbra, commandado pelo lente da faculdade de canones, o Dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, no dia 31 de Março, ao meio dia e meia hora. Entre os officiaes d'este destacamento ia o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

¹ Vid. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos*, v, p. 112.

² *Ibidem*, p. 112.

³ Vid. o interessante opusculo de Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, estudante do 4.º anno de leis, e alistado no corpo militar academico, intitulado: *Narração das marchas e feitos do corpo militar academico desde 31 de Março, em que sahio de Coimbra, até 12 de Maio, sua entrada no Porto*. Folheto de 25 paginas, impresso em 1809 na Imprensa da Universidade. Ainda ha pouco tempo não estava esgotada a edição, pois que na referida Imprensa adquirimos um exemplar pelo preço de 30 réis, que é o indicado no catalogo dos livros que ali se vendem.

Durante alguns dias conservou-se a divisão acampada no sitio dos Fornos; depois seguiu para o Vouga, dividida em duas secções.

Boatos aterradores do que se passava no Porto e de que o inimigo avançava tornaram a marcha dos academicos e dos seus companheiros de armas bastante penosa e difficil, obrigando-os, por vezes, ora a desviarem-se dos caminhos que seguiam, ora a postarem-se em linha de combate, na expectativa de algum ataque imminente.

Por fim conseguiu Trant chegar a Agueda, onde estabeleceu o quartel general, sendo então os estudantes incumbidos de varios serviços que elles desempenharam com todo o patriotismo. Quando as circumstancias exigiam, marchavam na vanguarda da columna, prestavam serviços como quaesquer outros soldados, e faziam a guarda de honra ao General.

A commissão mais importante de que foram encarregados foi a da defesa da ponte de Marnel, junto de Pedacens, por onde se esperava que o inimigo passasse. Debaixo da sua responsabilidade lhes deu Trant esta ordem, que elles se prontificaram a cumprir, sem hesitações, conservando-se no seu posto durante toda a noite, que estava fria e tempestuosa.

Entretanto Wellesley, o heroe que tantos serviços havia prestado a Portugal durante a primeira invasão dos Franceses, encaminhava-se de Lisboa para o Porto, com um poderoso exercito; por outro lado Beresford marchava tambem pela estrada de Viseu.

Em 9 de Maio chegou Wellesley a Agueda, começando logo no dia seguinte a atacar a vanguarda do inimigo, a cavallaria de Franceschi, conseguindo então Trant atravessar o Vouga. A 11 travaram-se rijos combates, em alguns dos quaes tomou parte o destacamento do corpo academico, e no dia 12 entrou finalmente o exercito alliado no Porto, onde Trant ficou como governador. Os estudantes tambem ali ficaram, de guarda á cidade, aboletados em *casas ricas*. As restantes forças, porém, continuaram a perseguir Soult, que se viu obrigado a retirar-se para a Galliza, com enorme difficuldade.

Este mesmo destacamento do Batalhão Academico ainda seguiu depois, voluntariamente, para as fronteiras, onde se conservou pouco tempo, pois que, segundo consta de uma *Ordem do dia*, expedida pelo Marechal Beresford do quartel general de Castello Branco, em 24 de Agosto, foi mandado recolher a Coimbra¹.

Neste diploma foram os estudantes elogiados, e determinou-se que

¹ Vid. *Ordens do dia*, do Marechal Beresford.

elles depositassem as armas, mas que fizessem exercicios aos domingos ou aos dias santos¹.

Louvando a nobre attitude dos academicos que haviam servido ás suas ordens, dirigiu Trant um officio ao Dr. Fernando Saraiva Frago de Vasconcellos, datado de 15 de Julho².

Da parte dos governadores do reino tambem os estudantes receberam então os seguintes louvores e recômpensas:

Por aviso de 5 de Julho de 1809 foram dispensados de fazer acto os estudantes do 5.^o anno juridico, que se tinham alistado no Batalhão. Em 11 de Setembro foi expedido outro aviso, no qual se elogiava o Corpo Academico e se mandava abrir a Universidade no tempo competente. Nelle se determinou que, antes de começarem os trabalhos escolares, o Vice-Reitor, na presença de todo o corpo da Universidade, louvasse, em nome do Principe Regente, os membros d'esse corpo que se haviam distinguido, e que os seus nomes ficassem escritos em livro separado, com a declaração dos serviços prestados, para que perpetuamente se conservasse naquelle estabelecimento scientifico a memoria d'esses alumnos, tão benemeritos da Patria. Uma copia do referido livro seria enviada ao Principe Regente.

Pelo aviso regio de 11 de Outubro de 1809 foi concedido perdão de acto a todos os estudantes da Universidade, sendo regulada a fôrma da sua concessão por outro diploma, datado de 21 do mesmo mês, no qual se prorogou, tambem, o prazo para as matriculas do anno seguinte.

Por aviso de 10 de Fevereiro de 1810 mandou-se abrir a Universidade³.

*

Em consequencia de o país ter sido novamente invadido pelos Franceses no anno de 1810⁴, ordenou a Regencia do Reino, por aviso de

¹ Para este fim publicou-se então uma especie de compendio com o seguinte titulo: *Exercício de Peça de campanha do calibre 3, com reparo de varaes... destinado ao ensino, e instrucção dos senhores artilheiros academicos da cidade de Coimbra. Imprensa da Universidade, 1809.* Tem 15 paginas.

O exemplar que vimos pertence ao Sr. Annibal Fernandes Thomás.

² *Coimbricense*, n.^o 4:434.

³ Os avisos a que acabamos de nos referir veem citados por Silvestre Ribeiro, *ob. cit.*, t. v, pp. 114 e 115. O aviso de 11 de Setembro vem ali reproduzido textualmente.

⁴ Durante esta terceira invasão tambem Trant prestou importantes serviços á cidade de Coimbra. Logo que o exercito francês saiu d'esta cidade, onde se

10 de Setembro, o encerramento da Universidade e que esta se não abrisse até nova ordem.

Por esta época estavam quasi todos os estudantes ausentes de Coimbra e dispersos por diversas terras; seria por isso difficil reuni-los. Comtudo ainda o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, então commandante do Batalhão Academico, por ter fallecido o Dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, seu antecessor, affixou em Lisboa um edital, datado de 19 de Novembro de 1810, no qual mandava convocar os alumnos da Universidade, que se haviam alistado por carta regia de 2 de Janeiro de 1809.

Tendo, porém, depois cessado os motivos que haviam determinado o encerramento da Universidade, os Governadores do Reino ordenaram que esta se abrisse em tempo competente (aviso de 23 de Setembro de 1811).

Finalmente foi o Batalhão Academico dissolvido em 15 de Abril de 1811, sendo nesta data dirigido um officio ao respectivo commandante, nestes termos: «Devendo dissolver-se, em consequencia das actuaes circumstancias, o corpo dos voluntarios academicos, de que V. M.^{ce} é commandante: manda S. A. R. agradecer ao mesmo corpo a boa vontade e promptidão com que se alistou para se empregar na defeza d'estes reinos. O que participo a V. M.^{ce} para que assim lho faça constar para sua satisfação»¹.

tinha acolhido depois de derrotado no Buçaco, Trant atacou, em 7 de Outubro a guarnição que ali ficara, e conduziu-a, debaixo de prisão, para o Porto.

Em commemoração d'este feito, o Senado e habitantes do Porto mandaram cunhar uma medalha, que vem descrita no Catalogo da collecção de Eduardo Carmo, sob o n.º 52, da seguinte fórma: «No campo em oito linhas—+N. TRANT—OB PVB: DEF: ARDOREM—CIVIB—COMMVNICATVM—OB: LVSI-TAN: ATHEN—VII: OCTOB: A: MDCCCX—A: BARBARIS: RECEPT+
Reverso: Em tres linhas—PORTUCAL—S: ET: CIV—D.—AR. (Inedita e unica. Pesa 9 oitavas e 43 grãos)».

Em nota diz o autor do Catalogo, o Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, o seguinte: «Observaremos que nos archivos do municipio do Porto não ha documento algum, que se refira a este facto».

Quando a collecção de Eduardo Carmo foi adquirida pelo Sr. Conde do Ameal, segundo nos consta, já d'ella não fazia parte esta medalha; por isso supponnos que seja a mesma que depois foi para a collecção de Leitão, que a descreveu no seu catalogo, com o n.º 73. Entre as descrições nos dois catalogos ha apenas umas leves differenças que devem attribuir-se a pequenos descuidos. No primeiro catalogo, por exemplo, os UU são escritos em fórma de VV, no segundo não.

Leitão tinha tambem outro exemplar de PB.

¹ Todos estes avisos, bem como o edital, veem igualmente citados por Silvestre Ribeiro, *ob. cit.*, t. v, pp. 116 a 123.

Com tão resumidas palavras julgaram os Governadores do Reino que ficaria saldada a divida de gratidão que a patria contrahira para com aquelles valentes moços, que tão desinteressadamente se haviam por ella sacrificado! Na verdade, elles mereciam, pelo menos, mais algumas palavras de louvor!

*

No n.º 40, de quinta feira 22 de Setembro de 1808, da *Minerva Lusitana*, jornal que por vezes citamos no decorrer d'este trabalho, em uma noticia precedida da indicação de que foi publicada *por ordem superior*, encontram-se indicadas as origens da medalha, cujo centenário pretendemos commemorar.

Ali se diz o seguinte:

«Ainda que bastasse para honrar o Corpo dos Voluntarios Academicos a satisfação de terem concorrido tão distinctamente para a causa publica; todavia menos para os distinguir, do que para os advertir con-

¹ Por curiosidade apresentamos uma lista bibliographica das composições poeticas relacionadas com o Batalhão Academico de 1808. Alem da *Ode* de Rodrigo da Fonseca, já citada, ha mais as seguintes:

1) Antonio Alexandrino Marques, *Congratulação á patria pela feliz Restauração do legitimo governo de S. A. R. Offerecida aos nobres e voluntarios academicos*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1809; in-8.º de 24 paginas.

2) *Á Mocidade academica S. e D. constantes votos de gratidão sincera M. T.* Lisboa, Simão Thadeo Ferreira, 1808, in-4.º

Estes dois folhetos existem na livraria do Sr. Conde de Sabugosa. Vid. catalogo, pp. 210 e 211.

3) *Emmanuelis de Sousa Moreira Medicinae studiosi ad condiscipulos ceterosque academicos pro armis adversus communem et patriae et universarum gentium hostem ferendis Oratio, a claris. viro Francisco de Sousa Loureiro. . . in lusitanum sermonem translata*. Conimbricae, typis academicis, 1808. Latim e portuguez. Tem 13 paginas.

4) *Canto heroico aos portuguezes*, que ao Ill.º e Ex.º Sr. Manoel Paes de Aragão Trigoso, etc., D. O. e C. Manoel Mathias Vieira Fialho de Mendonça, etc. Coimbra, 1808.

5) *Ode* ao Ill.º e Ex.º Sr. Manoel Paes de Aragão Trigoso, etc., por João Antonio Frederico Ferro. 8 paginas. A seguir tem junta uma *Ode aos Portuguezes*, 5 paginas.

6) *Ode* dedicada ao Ill.º e Ex.º Sr. Manoel Paes de Aragão Trigoso, etc., por José Joaquim de Sá (indicado no fim). 4 paginas. S. d. n. l.

7) *Ode* que ao corpo militar de lentes e doutores voluntarios, O. Agostinho Albano da Silveira, Dr. em Philosophia, alistado no mesmo corpo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1808. Tem 7 paginas.

8) *Ode Pindarica* offerecida ao respeitavel corpo academico da Universidade

tinuadamente das obrigações, que estão para desempenhar, ao que se ligarão pela honra, e dever; o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Bispo do Porto, Governador Presidente da Junta Provisional do Governo Supremo, confirmou, por despacho de 22 de Julho de 1808, a determinação do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Vice-Reitor Governador, que concedeu aos Voluntarios Academicos o uso de huma Insignia, que consiste em huma Medalha pendente de huma fita vermelha, onde estão as armas da Universidade de Coimbra adornadas com diversos emblemas scientificos, e ao redor delles a divisa *Pro Fide, Pro Rege, Pro Patria, Audeo*; estando esta ultima palavra servindo de remate, e apparecendo entre dous ramos de louro».

A não se dar o factio, pouco provavel, de ter havido algum descuido que originasse erro na data indicada, esta noticia, pela sua provenien-

de Coimbra e dedicada ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Vice-Reitor e Governador, pelo seu antigo alumno Antonio José Maria Campello. S. d. n. 1. 12 paginas.

Á excepção dos dois primeiros, todos estes folhetos existem na livraria do Sr. Annibal Fernandes Thomás.

Algumas d'estas poesias foram citadas e em parte transcritas por Chaby nos *Excerptos historicos*, vol. III, pp. 53 sgs.

Na livraria do Sr. Conselheiro Adolfo Loureiro existem mais dois folhetos, rarissimos, referentes ao mesmo assunto, que amavelmente foram postos ao nosso dispor, o que agradecemos.

O primeiro, escrito em verso, intitula-se: *Longe praeccellenti. viro. ac. domino D. Emmanuel. Paes. de. Aragoão Trigoso, etc. etc. etc. Carmen. D. O. C. Fr. Fortunatus. A. D. Bonaventura*. Segundo cremos, este folheto costuma andar reunido a um outro, do mesmo autor, que tem o seguinte titulo: *Invicta bello dextera seu Palafox*.

O outro folheto, escrito em prosa, tem especial interesse por ter sido publicado tambem por Fr. Fortunato de S. Boaventura, que foi o principal redactor da *Minerva*, posto que pouco ou nada adeanta ao que neste jornal se diz.

Intitula-se: *A gratidão da patria aos distinctos serviços do leal, e valeroso corpo dos voluntarios academicos, em a ditosa expulsão do intruso governo francez. Justificada, e proclamada a todos os portuguezes*, por F. F. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1809, 16 paginas.

Na Biblioteca Nacional, caixa 31, doc. n.º 33, secção de Mss., ha um attestado, passado por Francisco Romão de Goes, tenente-coronel dos estudantes da Universidade de Coimbra, commandante do corpo de observação e postos avançados unido á divisão da vanguarda commandada por Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, a favor de João Pedro Norberto Fernandes, provando o seu bom comportamento e serviços prestados naquelle corpo, onde estava alistado.

Na mesma Biblioteca e secção, no final do Ms. n.º 905, que se intitula *Historia de Coimbra*, está encorporado um numero isolado da *Minerva Lusitana* (o n.º 149), no qual alguém escreveu uma curiosa nota que se refere ao comportamento dos estudantes no Porto.

cia e pelas circumstancias em que foi escrita, merece credito absoluto, por isso sobre ella podemos, com segurança, basear o nosso estudo.

Da sua leitura conclue-se que muito pouco tempo depois de se terem alistado no Batalhão Academico, facto que se deu em 26 de Junho de 1808, como vimos, os estudantes e provavelmente tambem os lentes da Universidade, por *determinação* do Vice-Reitor, começaram a usar umas medalhas, como insignias ou distinctivos honorificos ¹.

Um *despacho* do Bispo do Porto, datado de 22 de Julho de 1808, confirmou a *determinação* do Vice-Reitor, ficando assim desde essa data legalmente instituida a medalha, visto que nas mãos d'aquelle Prelado estava então o supremo governo do país. Trata-se, portanto, de uma condecoração portuguesa official e não de simples objecto de adorno.

Ainda hoje existem alguns raros exemplares d'essa preciosa reliquia, mais ou menos variados na fórma e na materia, mas todos elles subordinados ao mesmo typo geral indicado na noticia transcrita ². Ao que nesta se diz deve comtudo acrescentar-se que na medalha tambem figura uma aguia morta, prostrada no chão, junto do escudo das armas Portuguesas. Esqueceu-se o redactor da *Minerva* de mencionar esta particularidade, que é bastante notavel e interessante, pois que, como se sabe, a aguia era vaidosamente usada pelos Franceses, não só como

¹ Talvez que esta ideia fosse suggerida por algum negociante com o fim de alcançar lucros com a sua venda.

² Esta falta de uniformidade com respeito a uma condecoração, relativamente, pouco importante, não deve causar estranheza, desde que se saiba que com as insignias das ordens religioso-militares, por capricho dos fabricantes e vaidade dos agraciados, não obstante as prohibições legais, se dá o mesmo facto. Por vezes, os habitos da Ordem de Christo, por exemplo, eram antigamente feitos de modo que tambem podiam servir... de *assobios* (!), de caixilhos para retratos, para nelles se adaptarem relógios, etc., como se mostra com a seguinte disposição que se encontra nas *Difiniçoens e estatutos dos cavalleyros, e freyres da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, Lx.^a 1717*, p. 18, onde se diz o seguinte: «Os comendadores e cavalleiros poderão trazer habitos de ouro... os quaes não servirão de assobios, retratos, relógios nem outras cousas semelhantes»; devendo ser conformes aos modelos originaes que se conservavam em Thomar, em Nossa Senhora da Luz e na Mesa das Ordens.

E claro que o legislador não se lembraria de prohibir tão extravagantes ideias, se ellas anteriormente não tivessem sido postas em pratica. Nos seus apontamentos particulares, ineditos, tambem Lopes Fernandes cita o edital de 22 de Dezembro de 1823, que ordenou que as veneras das ordens militares fossem usadas conforme se achavam ordenadas, prohibindo-se as que se haviam feito de fórmas variadas, as quaes se confundiam com as das ordens estrangeiras.

emblemata, mas tambem como symbolo das suas victorias; todavia, para os Portuguezes, era uma simples *Passaróla*¹.

Devido á amabilidade dos Srs. Conde do Ameal e Conde dos Oliveaes e de Penha Longa; a quem estamos muito reconhecidos, podemos publicar as phototypias dos exemplares que estes dois illustres amadores da Medallistica possuem nas suas preciosas collecções.

Nas figs. 1.^a, 2.^a e 3.^a da estampa vão indicadas, em dimensões naturaes, as medalhas que pertencem ao Sr. Conde do Ameal², a primeira das quaes é de ouro, burilada e esmaltada a côres, que são: azul claro, na orla, preta, nas legendas, e azul e vermelho claro, nas bandeiras. O escudo das armas tem as côres proprias, estando o vermelho manchado.

Pertenceu á antiga collecção de Eduardo Luis Ferreira Carmo, tendo sido descrita no respectivo catalogo, sob o n.º 49, da seguinte fórma: «PRO : REGE : PRO : PATRIA : PRO : FIDE—1808. Na parte superior do campo dentro de uma corôa de louro—AUDEO.— Por baixo o escudo das armas portuguezas sem corôa, tendo á esquerda trophéos, e á direita um mocho e um livro. Na parte inferior uma aguia prostrada. Tudo isto é feito de esmalte de côres sobre ouro.

R.º Unido³ = AV».

A 2.^a é de prata. O reverso é liso. Está mettida num caixilho com vidro, pendente de uma fivela que tem um topazio engastado.

A 3.^a é igualmente de prata, com o reverso liso. Não tem caixilho. No alto ha tambem uma fivela.

Na fig. 4.^a vae representada a medalha que pertence ao Sr. Conde dos Oliveaes e de Penha Longa. E de prata, sem ser colorida nem esmaltada, assemelhando-se bastante ás duas ultimas anteriormente indicadas. O reverso é liso, mas tem collado um papel no qual está de

¹ Ha um interessante soneto, allusivo á *Passaróla*, que bem mostra a má impressão que ella causava no povo Português, por a ver a substituir a cruz, symbolo da sua religião. Foi publicado pelo Sr. Dr. Theophilo Braga, na *Historia da Universidade*, t. iv, p. 279. Intitula-se «Retrato de un soldado francês» e termina assim:

Eis um guerreiro da franceza eschola,
Agudo em manhas, com juizo rombo,
Que outro Deus não tem que a passaróla.

² O nosso amigo o Dr. Guilhermino de Barros, genro d'este titular, prestou-nos grande auxilio não só tirando as photographias das medalhas, que nos offereceu, como tambem ministrando-nos as importantes notas descritivas que deixamos indicadas. Renovamos, pois, aqui os nossos agradecimentos, que particularmente já lhê manifestámos.

³ Isto é, liso.

senhado, a côres, o seguinte: ao centro as armas portuguezas, com a coroa real, ornamentadas com um tropheo; ao lado um mocho sobre um livro e no chão a aguia caida. No alto lê-se a palavra AUDEO, que está dentro de uma coroa de louro, e na orla a legenda: PRO FIDE PRO PATRIA PRO REGE.

Este exemplar fez parte da collecção do fallecido numismata Sr. Cyro Augusto de Carvalho, a qual foi vendida em leilão, em Amsterdam, na casa do Sr. J. Schulman, tendo sido descrito e estampado no catalogo, que então se publicou, sob o n.º 1:393.

Tambem possuímos na nossa collecção (iniciada por meu Pae, o Sr. José Lamas), uma medalha semelhante no typo ás que acabamos de nos referir, destinada como ellas a servir de distinctivo aos estudantes alistados no Batalhão Academico, mas de outro feitio ou fabrico. Vid. fig. 5.^a Consta de um caixilho oval com cercadura granulada, de ouro em volta, no qual está mettido um papel que tem pintado, a diversas côres, o seguinte: na orla, com letras de ouro sobre fundo azul escuro, a legenda: PRO REGE ◊ PRO PATRIA ◊ PRO FIDE . . ☆ . . No campo (cujo fundo é azul claro) lê-se no alto a palavra AUDEO (escrita com tinta côr de castanha), envolvida por uma coroa de louro (verde); ao centro está o escudo oval das armas Portuguezas (vermelho, azul e ouro), ornamentado com um trofeu feito com uma alabarda e quatro bandeiras, cujas côres são: as da esquerda, uma azul, outra branca; e as da direita, uma branca, outra vermelha. Á direita, junto das armas, está pousado um mocho; e em baixo, prostrada no chão sobre a relva, uma aguia morta. O caixilho tem vidro, e no alto uma argola fixa na qual gira uma outra.

Póde dizer-se que o reverso, ou antes a outra face, é igual á primeira, pois que apenas ali se notam leves differenças, sendo as mais notaveis as seguintes: ausencia da alabarda, e de uma pequena elevação de terreno, junto do escudo das armas.

Comtudo, estas especialidades é que fazem suppor que a medalha fosse pintada á mão¹, pois que, se fosse estampada, as duas faces seriam iguaes.

Este exemplar está muito bem conservado. O seu eixo maior tem 27 mill., e o menor 20,5 mill., comprehendendo-se nestas medidas o aro do caixilho.

Suppomos que é perfeitamente igual a outro que existe no Museu Municipal do Porto, em cujo catalogo (Medalhas do Museu Municipal do Porto) vem descrito com o n.º 51.

¹ O vidro impede que se observe convenientemente.

Segundo parece, fizeram-se tambem exemplares d'este typo, mas de menor formato, como se depreheende da estampa publicada por Manoel Bernardo Lopes Fernandes (*Memoria das Medalhas e Condecorações Portuguezas*, etc., n.º 77). Na fig. 6.^a vae reproduzida esta estampa, para assim ficarem reunidas as variedades de que temos conhecimento.

A medalha era usada ao peito, com uma fita vermelha, provavelmente do lado esquerdo. As posições das fivelas e argolas indicam bem claramente que ella não devia usar-se suspensa do pescoço.

Não se comprehende, porém, o motivo por que foi uniformemente adoptada para a fita a côr vermelha, que é o distinctivo da faculdade de direito, pois que no batalhão havia estudantes e lentes de todas as outras faculdades, cada uma das quaes tem a sua côr por distinctivo.

Esta medalha é hoje extraordinariamente rara nos mercados, por isso os colleccionadores novos difficilmente a poderão obter... , a não ser que o acaso os favoreça; comtudo, ainda se conhecem alguns exemplares em collecções antigas, que decerto hão de merecer especial estima dos seus possuidores.

Sabemos ou consta-nos que existem nas seguintes collecções:

Collecção Real, 1.

Do Sr. Conde do Ameal, 3!

Do Sr. Conde dos Olivaeas e de Penha Longa, 1.

Do Sr. Dr. Antonio Pedro de Andrade, do Rio de Janeiro, 1.

Museu Municipal do Porto, 1.

De Julius Meili, 1.

Na nossa collecção, 1.

Creemos que tambem devia ter existido na importante collecção de Gregorio Barbosa.

Martins de Carvalho descreveu-a no n.º 4:434 do *Conimbricense* (de 1 de Março de 1890), dizendo que só conhecia em Coimbra tres exemplares. É possivel que se referisse aos do Sr. Conde do Ameal, cuja residencia é naquella cidade.

*

Decorridos quasi doze annos depois de se ter dissolvido o Batalhão Academico, em 1823, os estudantes que nelle se haviam alistado, já então uns doutores outros bachareis formados, apresentaram ás Côrtes um requerimento em que pediam que novamente lhes fosse conferido o direito de usarem a medalha. Assim consta do seguinte *Parecer* que

vem publicado no *Diario das Côrtes da Nação Portuguesa*¹, *Segunda legislatura*, t. II, pp. 323-324:

«Á Commissão dos premios foi presente o requerimento dos doutores, bachareis, e mais membros que forão do corpo academico, que nos annos de 1808, 9, e 10, concorrêrão para a gloriosa restauração deste reino, allegando bem fundadas razões de justiça para requerer que lhes seja confirmada a condecoração e distincção, que nesse tempo lhes fôra concedida para marca de seus assignalados serviços; com a diversidade porem da fita, e da medalha, e legenda, segundo o modello que apresentão, com a condição de que este distinctivo seja concedido sómente áquelles que pelos livros da matricula, e alistamentos constar, que estando matriculados se alistárão e servirão no referido corpo academico, em qualquer das mencionadas épocas; e lhes sirva de titulo um diploma passado pelo secretario, e assignado pelo reitor da Universidade.

Parece á Commissão que he justa a pertençaõ dos membros daquelle corpo academico; e que lhes deve ser confirmada a condecoração, e distinctivo que lhes concedeu o Governo, com as accidentaes modificações, e com as clausulas que elles pretendem; pois que assim se consegue desempenhar a gratidão, satisfazer a justiça, e contemplar a politica, evitando-se ao mesmo tempo o abuso.

Sala das Cortes 29 de Março de 1823.—*José Maximo Pinto da Fonseca Rangel*—*Francisco Soares Franco*—*João Victorino de Sousa Albuquerque*—*Manoel Pedro de Mello*—*José Liberato Freire de Carvalho*.

Não foi approvedo».

Não sendo crível que por simples vaidade os requerentes fizessem tal pedido, tantos annos depois de se ter dado o facto que elles allegavam como digno de recompensá, póde talvez suppor-se que, tanto na pretensão como na recusa da camara, estava envolvida alguma razão politica; o que não é para admirar, visto estar-se então em vespéras de uma contra-revolução, que depois degenerou na *Villafrancada*.

As ultimas phrases do *Parecer* confirmam esta supposição: *Assim se consegue . . . contemplar a politica*, disseram os seus redactores, deixando entrever que esta não foi estranha ao assunto.

Neste campo de hypotheses ainda apparece mais outra duvida, suggerida por uma nota manuscrita, collocada num exemplar da obra de

¹ Já citado e transcrito por Silvestre Ribeiro, *obr. cit.*, t. v, p. 186.



Fig. 1.ª



Fig. 2.ª



Fig. 3.ª



Fig. 4.ª



Fig. 5.ª



Fig. 6.ª

Lopes Fernandes, que pertence á Sr.^a D. Guilhermina de Jesus. Este exemplar, todo annotado por um antigo colleccionador, cujo nome desconhecemos, tem, junto da descripção da medalha de que tratamos, a seguinte nota: «Segundo me informa pessoa competente o reverso d'esta medalha era côr de castanha e em letras de ouro a inscripção seguinte:

IN TESTIMONIUM GRATIAE PATRIAE

Seria esta a legenda que os requerentes pediam que fosse adoptada na nova medalha? Ou trata-se simplesmente de mais uma variedade da antiga?

Todas estas duvidas teriam, porém, desaparecido, se na investigação a que procedemos no archivo da Camara dos Deputados, entre os papeis varios, relativos ás côrtes de 1823, que ali existem, tivessemos encontrado o requerimento e modelo da medalha (talvez desenho) a que o *Parecer* se refere¹.

Ainda que baseada em outros motivos, esta pretensão dos antigos alumnos da Universidade não era inteiramente nova, pois que já anteriormente havia sido feito pedido semelhante, como consta de uns documentos publicados por Joaquim Martins de Carvalho no *Conimbricense*, de 29 de Março de 1873, n.º 2:679. Como esses documentos são muito interessantes, e a sua consulta no jornal onde veem publicados não é facil para todos os que tomam a peito o estudo da medallistica, vamos transcrevê-los a seguir.

Junqueira, 1908.

ARTHUR LAMAS.

1) «*Pretensão dos estudantes da Universidade.
Requerimento á rainha em 1797.*

Senhora.— Representam a vossa magestade os estudantes matriculados nas seis faculdades da Universidade de Coimbra, que havendo elles e seus antecessores, recebido repetidas mercês da incomparavel grandeza de vossa magestade, que como augusta protectora d'aquella corporação se empenha constantemente em promover com os mais efficazes estimulos os progressos dos estudos: lembrando-se de que a presente occasião em que a serenissima senhora D. Carlota, princeza do Brazil, com o novo penhor da sua fecundidade assegurou aos portuguezes a perpetuidade da familia real, é a mais propria, para os supplicantes, no meio da alegria publica, se animarem a levar aos pés do throno a presente supplica; estando egualmente persuadidos de que não serão mal acceitos por vossa magestade, desejos nascidos dos sentimentos do amor e fidelidade que fazem preciosos para os bons vassallos todas as distincções que recebem da real mão de seus augus-

¹ Auxiliou-nos muito nesta busca o empregado d'este archivo, o Sr. José Joaquim Simões, a quem nos cumpre, por isso, agradecer.

tos soberanos; prostados aos reaes pés de vossa magestade, lhes pedem a mercê de lhes conceder a facultade de usar de uma medalha de ouro, pendente da casa do vestido, a qual seja um publico testemunho de haverem recebido algum dos graus academicos, e os faça conhecer entre os mais cidadãos por homens de profissão litteraria, e que para este fim só d'ella possam usar os que tiverem recebido, e para o futuro receberem o grau de bacharel, pelo qual lhes confere a Universidade a qualificação de que a mesma medalha ha de ser testemunho, conservando-a perpetuamente todos aquelles que houverem sido condecorados com o dito grau.

Atrevem-se os supplicantes a esperar que esta sua petição achará favoravel acolhimento na presença de vossa magestade, attendendo a que havendo-se vossa magestade dignado intimar á sua Universidade, que em semelhantes occasiões de publico regosijo lhe concederia graças, que fossem compatíveis com os progressos dos estudos; a que agora se pede, bem longe de o impedir, servirá muito pelo contrario de estimular á applicação e fazer cultivar as sciencias com maior cuidado: ella servirá de estimular a applicação, porque o bacharel que pela medalha é conhecido por homem de letras, terá pejo de se entregar ao ocio, depois de sair da Universidade, e cuidará em sustentar o caracter que não póde encobrir, para não ser desprezível na sociedade, e tambem porque d'esta maneira se evitará o risco de que os estudantes negligentes possam enganar a seus paes e familias, fingindo terem feito o acto de bacharel, ou terem sido nelle approvados; porquanto apparecendo com a medalha conhecerão os mesmos paes a verdade, e se livrarão a Universidade do peso inutil e contagioso dos preguiçosos e inhabeis, que tanto damno causam a esta corporação.

Alem d'isto, a ambição de conseguir esta honrosa insignia, convidaria a frequentar a Universidade muitos sujeitos habeis, os quaes se não resolvem a entrar n'uma vida laboriosa, pela incerteza de tirarem algum fructo de seus trabalhos.

Finalmente tem a dita graça analogia com outras destinadas para distinguir varias ordens do estado, vindo a ser a dos homens de letras uma insignia correspondente ás de que usam os militares, os cavalleiros, os ministros das relações e tribunaes, e acrescentando as cartas do grau, que já tinham, e que correspondem ás que tambem se passam a individuos das referidas ordens, o distinctivo publico, e patente de que essas ordens gozam, e a que dos bachareis á sua imitação egualmente aspira.

Vossa magestade quando se digne escutar benignamente a pretensão dos supplicantes, determinará a fôrma e cunho da dita medalha, a côr da fita de que hade andar pendente, e a maneira com que ha de ser conferida aos futuros bachareis no acto de se lhes dar o grau, e com que a hão de receber os que se acham revestidos do mesmo grau.

Lembrando-se, porém, os supplicantes de que saindo este requerimento de uma corporação litteraria, vossa magestade não lhes estranhará pôrem na sua real presença a fôrma da medalha, que lhes tem parecido mais propria, assim para indicar o objecto como o auctor e a epocha d'esta assinalada mercê. se animam a expor a vossa magestade que as circumstancias referidas se poderão talvez designar com propriedade pela figura de Minerva, com as armas reaes no escudo, coroando de louro um mancebo que se apresenta de joelhos com a epigraphé—*Filiis benemerentibus academia comimbricensis mater*—e no exergo—*Beneficio Mariae I reginae fidelissimae*. MDCCXCVII.

Mas qualquer fórma que vossa magestade for servida dar á dita medalha, elles a receberão com o maior respeito e gratidão, como singular mercê de sua soberana e generosa bemfeitora.

Os supplicantes concluem esta respeitosa e humilde representação, prostrando-se aos pés do throno, não só para rogarem a vossa magestade attenda ás suas instancias, filhas do ardente desejo de serem honrados por sua augusta soberana como cidadãos que se destinam para o serviço publico na carreira das letras; mas muito especialmente para offerecerem ao ceu seus mais fervorosos votos pela felicidade de vossa magestade, e de toda a real familia, da qual depende a felicidade, a segurança, e a mesma existencia de toda a nação portugueza.

E. R. M.

2) Carta dos estudantes ao reitor o principal Castro

Ex.^{mo} Sr. principal reformador reitor.—A corporação dos estudantes desta academia, bem persuadidos da obediencia que deve prestar ao seu vigilantissimo prelado, e singular protector, que reconhece em v. ex.^a; depois de beijar-lhe reverentemente a mão, vae expor na respeitavel presença de v. ex.^a as suas actuaes pretensões, estando certa de que tendendo ao progresso literario, hão de ser por v. ex.^a com benignidade recebidas, e efficazmente protegidas.

Consistem, pois, ex.^{mo} sr., as nossas pretensões, em supplicar a sua alteza real o principe nosso senhor, a graça de determinar que esta corporação, depois de receber o grau de bacharel, que a cada um constitue habil para servir a sua magestade nos differentes ramos da administração publica, seja assignalada com um distinctivo publico, o que é bem conforme ao systema do nosso governo, e de que ha pouco temos exemplo na reforma sabiamente feita por sua magestade em differentes corporações do estado.

Examinando, porem, ex.^{mo} sr., qual seja este distinctivo, parece-nos que o mais conforme é uma pequena medalha de ouro, em que esteja esculpida Minerva e o mocho de um lado, por ser este o brazão da nossa academia, e do outro uma inscripção allusiva ao que semelhante distinctivo significa, v. g.: *Honor alit artes*, a qual medalha deverá trazer-se pendente ao peito, conferindo-se para o futuro ao tempo em que se confere o grau de bacharel, e permitindo-se aos que já o receberam, a liberdade de usar d'ella.

Incorreríamos, Ex.^{mo} Sr., em justa censura, se nos adiantassemos a propor a V. Ex.^a as razões que persuadem a justiça desta nossa supplica, a honra e os vantajosos progressos que a concessão desta mercê dará ás letras do nosso reino. Largamente expendemos as circumstancias do nosso requerimento, cuja copia temos a honra de offerecer a V. Ex.^a, pelos nossos procuradores.

Esta mercê, que bem considerada em todo o tempo, poderíamos recorrer a sua alteza real, é a que na presente occasião nos parece mais a proposito impetrar, porque a submissão e respeito devido ás sabias intensões da nossa soberana, que se nos intimaram na ultima carta regia de mercê, feita a esta corporação, a honra desta academia, e finalmente o desejo que temos de corresponder aos sublimes designios do seu preclarissimo prelado, que a todos são manifestos, nas muitas e sapientissimas providencias com que incansavelmente procura eleval-a á maior distincção, não só nos prohibem, mas tambem nos fazem detestar a impetração da dispensa de actos; apezar de que podendo dar-se alguns entre nós, ainda que poucos, que esquecidos d'estas reflexões pretendam requerel-a, preferindo o seu

particular interesse ao lustre de toda a academia, nos consideramos obrigados a attestar a V. Ex.^a, que neste voto não concorda o total da nossa corporação, cujas pessoas representam os seus procuradores abaixo assinados, e só intentamos supplicar a sua magestade a concessão do referido distinctivo.

Seríamos justamente reprehensíveis, Ex.^{mo} Sr., se esquecendo-nos das evidentes provas com que a experiencia nos tem mostrado as insignes e estimaveis qualidades de V. Ex.^a, julgassemos necessario implorar a honrosa e efficaz protecção de V. Ex.^a a favor da nossa causa, e ainda mais certo que nella tem em V. Ex.^a a principal protecção pela gloriosa epocha que vem fazer no illuminado governo de V. Ex.^a—Temos a honra de ser de V. Ex.^a—Ex.^{mo} Sr. principal reitor reformador—muito humildes e reverentes subditos».

Acquisições do Museu Ethnologico Português

Maió de 1907

- O Sr. **Afonso Nunes Branco** offereceu:
- um exemplar da folhinha constitucional de 1834;
 - um registo com figura de S.^{ta} Apolonia;
 - um almanach familiar para 1879 com encardenação de veludo, dentro de uma caixa;
 - uma imagem de S. Sebastião (gravada em papel);
 - um diario ecclesiastico de 1817 em uma folha aberta;
 - uma almofadinha de costura para fixar na aba de uma mesa;
 - uma charuteira antiga de coiro;
 - um gancho de meia, de osso, que representa um gato;
 - um almanach de 1820;
 - um diario ecclesiastico de 1835;
 - um peso de tabaco, com RXX.
- O Sr. **Pedro de Azevedo** offereceu uma senha de 500 réis da Casa de Guimarães, de Lisboa;
- O Sr. **Director do Museu** adquiriu para o Museu os seguintes objectos:
- um manuscrito intitulado *Previlégio dos familiares do numero*, do sec. XVII;
 - uma carta manuscrita, assinada por D. Pedro II (pergamimho);
 - uma carta manuscrita, assinada por D. João IV (pergamimho);
 - uma carta manuscrita assinada por D. Maria I (pergamimho);
 - uma carta de papel assinada pelo Marquês de Pombal em 1774;